

INSTITUTO SÃO LUIZ GONZAGA - UM COLÉGIO JESUÍTA EM CAETITÉ (1912 -1925)

Fernanda de Oliveira Matos
Universidade do Estado da Bahia-UNEB

Felipe Eduardo Ferreira Marta
Universidade do Estado da Bahia-UNEB

Resumo: Este texto apresenta resultados de uma pesquisa sobre a atuação pedagógica da Missão Jesuíta Setentrional Lusitana Dispersa da Companhia de Jesus no Sertão da Bahia, a partir da trajetória do Instituto São Luiz Gonzaga – escola implantada e conduzida pela referida ordem religiosa, na cidade de Caetité, entre os anos de 1912 e 1925, considerando o contexto sócio cultural, político e religioso local. Trata-se de uma pesquisa histórica, documental, desenvolvida a partir da metodologia da análise do conteúdo, com base em referencial teórico da História, da Educação e em fontes primárias, entre as quais, jornais, fotografias e cartas. O resultado foi um estudo inédito sobre a atuação dos Jesuíta na educação sertaneja a partir do cotidiano do Instituto São Luiz Gonzaga de Caetité.

Palavras-chave: Educação. Escolas Confeccionais. História.

“Foi de Caeteté que chegaram à Baía as vozes do sertão que chamavam os Jesuítas”

Esta foi a frase usada por Joseph H. Foulquier, em seu livro: Jesuítas no Norte: Segunda entrada da Companhia de Jesus 1911 – 1940, para introduzir o capítulo sobre a vinda dos jesuítas ao sertão da Bahia e mais especificamente à Caetité.

Caetité está entre as cidades mais antigas do interior da Bahia, se localiza na porção Sudoeste do estado, a quase setecentos quilômetros da capital, numa região tradicionalmente conhecida como Sertão. Essa expressão tem sua origem na formação territorial do Brasil Colônia. “Correspondia, no período colonial ao Morgadio Guedes de Brito – Casa da Ponte, que monopolizava a propriedade fundiária da margem direita do Rio São Francisco nos Sertões da Bahia e de Minas Gerais” (ESTRELA, 2003, p.36).

O clima ameno e a abundância de água teriam contribuído para vinda e permanência de famílias que se estabeleceram e fizeram do lugar ponto de pouso e descanso para viajantes e tropeiros constituindo-se importante rota entre o litoral da Bahia, a Região do São Francisco e as Minas Gerais. No início do século XVIII já existem no lugar fazendas de gado, alguns engenhos, a aristocracia e a

riqueza, bem como a cultura e o civismo que o distingue dos outros povoados, sendo a religiosidade outro diferencial relevante.

Em 05 de abril de 1810, a freguesia de Caetité foi elevada à categoria de Vila ocupando boa quantidade das terras do sudoeste da Bahia e apesar da grande distância da capital, sempre teve papel atuante na vida econômica e política da província.

Exatamente dessa atuação política e econômica, por ocupar um espaço geograficamente privilegiado, por abrigar famílias de muitas posses, Caetité sempre foi tida como referência entre as demais vilas da região no que se refere à civilidade e à educação, por isso mesmo, foi chamada por muito de “Princesinha do Sertão”, é nessa condição que chega ao XX.

Com o iniciar do novo século, com o sistema republicano, com as tendências positivistas de progresso, houve no país certo entusiasmo pela educação e algumas reformas ocorreram com o intuito de modernizar o sistema de ensino no Brasil, entre elas está a que visava tornar o ensino laico no país:

[...] a Constituição Brasileira de 1891 prevê a separação entre Estado e Igreja; ao mesmo tempo, prevê a liberdade de cultos; a liberdade de ensino, desde que na conformidade da legislação. Assim, retira-se da Igreja Católica o caráter de parceira principal na atividade de educação do Estado Brasileiro. (MENEZES, SANTANA, 2012, p. 02)

O Estado Brasileiro proibiu, desde então, qualquer tipo de parceria com grupos religiosos; ao mesmo tempo em que dá liberdade de ensino - o que deixa brechas para a atuação de ordens religiosas no Brasil, até porque ele não dá conta de mudar a realidade educacional brasileira. É neste contexto social e político que os jesuítas retornam ao Brasil.

Os Jesuítas, perseguidos e expulsos de Portugal, por ocasião da implantação da República em 1910, se dispersam por vários países, inclusive o Brasil. Chegaram aqui pelo do Rio de Janeiro, onde, após superar dificuldades da entrada, se dedicavam ao trabalho educacional e missionário e depois se estabelecem na Bahia, lugar que se tornaria a sede da Missão Portuguesa no Nordeste, elemento importante para a coesão dos Jesuítas exilados.

Na Bahia, a ordem recebeu vários pedidos, entre os quais estavam os de Dom Jerônimo Tomé da Silva - arcebispo do estado. “Entre os pedidos estava o de abrir uma escola no longínquo interior -

Caetité” (AZEVEDO, 1986, p. 32) mas na verdade, este era do Mons. Luiz¹, justificando-se com base em preocupações de ordem religiosa, uma vez que ele:

[...] estava preocupado com a implantação de um colégio católico. Importa lembrar que, neste contexto, já havia um colégio protestante na cidade, contribuindo para a popularização de tal religião; além disso o espiritismo estava ganhando muitos adeptos. (GUIMARÃES, 2013, p. 86)

Ferdinand Azevedo (1986) fala mais detalhadamente sobre isso e para ele, a instalação do Instituto São Luiz Gonzaga em 16 de julho de 1912, foi antes de tudo um ato político. As questões político partidárias anteriores a esta data interferiam diretamente na educação local e depois na implantação do Instituto São Luiz Gonzaga.

Ligada intimamente à política foi a educação. Por causa da rivalidade partidária ente o governador Luis Viana e seu sucessor Severino dos Santos Vieira, a Escola Normal, que já funcionava, havia cinco anos foi fechada em 1903. A situação ficou mais precária ainda no ano seguinte quando a Escola Complementar também fechou. Somente em 1912, quando o missionário presbiteriano John Henry Mac-Caul apareceu, é que Caetité sairia da penúria educacional. O missionário não pedia dinheiro mas apoio e o encontrou no Coronel Cazuzinha. (AZEVEDO, 1986, P. 37)

Com o apoio do Coronel Cazuzinha, intendente da cidade neste período, a Escola Americana foi aberta junto às Instalações da Igreja Presbiteriana, instalada na cidade em 1911.

É neste contexto que Monsenhor Luís, partidário da oposição liderada pelo Coronel Deocleciano Pires Teixeira² e bem informado sobre o retorno dos Jesuítas à Bahia, solicita ao Arcebispo Dom Jerônimo um colégio católico para fazer frente ao partido político do intendente, ao protestantismo e ao espiritismo ao mesmo tempo.

O pedido foi analisado pelos Jesuítas em fevereiro de 1912 que responderam favoravelmente à abertura da nova Missão de educação e de resistência ao protestantismo na futura diocese de Caetité:

¹ Monsenhor Luís Pinto Bastos era o pároco da cidade neste período, era um homem de muita influência junto aos fazendeiros e aos políticos da região, era partidário do Coronel Deocleciano Teixeira, representante do partido Liberal em Caetité e região.

² Deocleciano Pires Teixeira nasceu em Nossa Senhora do Alívio do Brejo Grande, atual Ituaçu - Bahia, em 1844. Estudou medicina no Rio de Janeiro. Em 1885, fixou-se em Caetité onde viveu 45 anos. Correligionário do Partido Liberal abandonou a clínica e foi se dedicar à política, se elegendo para vários cargos. Fonte: <http://tabernadahistoriavc.com.br/deocleciano-pires-teixeira>

Razões a favor da resistência: 1ª Seria uma resistência em que se poderia trabalhar muito e não só na cidade que é uma das principais do sertão, mas também fora em missões. 2ª A escola anexa, além do grande bem que faria àquelas famílias, serviria para preparar alunos para o colégio da Bahia e não seria necessário sacrificar professores indispensáveis nos colégios, pois essa escola não passaria das matérias preliminares e talvez um pouco de francês e latim. 3ª O clima é bom (850m. de altitude) 4ª O Sr. Arcebispo deseja muito que aceitemos esta residência. 5ª Vae ser cabeça de uma nova diocese. (AZEVEDO, 1986, p. 38)

Logo depois de o pedido ter sido aceito, a Ordem começa a se organizar para a fundação do Colégio em Caetité, entretanto, apesar do apoio do Monsenhor Luís e do partido político do Coronel Deocleciano Teixeira, as dificuldades foram muitas a começar pela distância e condições de viagem da Baía (Salvador) até Caetité, que demorava mais de dez dias sendo ela dividida em etapas: De Salvador até a cidade de Cachoeira chegava-se de vapor, onde tomava-se o trem de ferro até Machado Portela e o restante era feito a cavalo ou burro passando pela Serra do Sincorá.

Vencidas as dificuldades da viagem, o Padre Sallustio descreve, em carta aos seus superiores, a acolhida dos caetiteenses por ocasião da chegada dos primeiros cinco padres na cidade:

[...] ao pé do cemitério da cidade esperava-nos a filarmônica, moças vestidas de branco com lenços na mão e capelas na cabeça, dois pendões e arcos de verdura e cordões de bandeirinhas de papel. Os foguetes estrealjavam, a música rompia, os lenços agitavam-se, os pendões ecoavam: era a saudação e o pômo-nos em marcha para casa. Foi um entusiasmo grande, uma grande manifestação, uma manifestação sincera de benevolência. Começamos a caminhar os cinco, como se determinara a ordem do triunfo, atrás dos músicos e do pendão que seguia o do apostolado ladeado de associados; seguiam-nos mais de 300 cavaleiros envolvendo-nos de saudações. Junto à portaria o povo aglomerou-se; por fim o Vigário fez um discurso de bem vindo. Respondi-lhe como pude, a comoção foi recíproca. (PADRE SALLUSTIO. Caetité, 03/05/1912. CARTAS EDIFICANTES. Vol. 04, p. 4 e 5)

Pelos relatos do padre pode-se imaginar como eles foram esperados e como o Monsenhor Luís já havia mobilizado a população em torno dessa chegada, contudo, passada a alegria da acolhida, apareceram as primeiras dificuldades de ordem física, financeira e política a serem enfrentadas por eles em Caetité:

[...] Encontraram os padres uma casa mobiliada com móveis emprestados, portanto casa vazia, apenas enfeitada. E que casa seria? A casa é grande, escreve um dos seus primeiros moradores, mas está por mobilar, e por ora não há com que o possamos fazer. Havia cinco canapés, três mesitas de réles madeira, cinco cadeiras de couro, quatro ou cinco de palhinha, uma bacia grande de folha, um banco de pau e uma acha meio

queimada na lareira. Eis o mobiliário completo. As camas tinham só coberta e um lençol; mas tudo isto era emprestado [...] (FOULQUIER, 1940, p. 64)

[...] Toda a intervenção oficial da Intendência e dos políticos de Caeté era em favor eschola protestante. Ao saber da chegada dos Padres e da fundação do Instituto São Luiz Gonzaga no Edifício da antiga Eschola Normal cedido pelo Exmo. Sr. Dr. Diocleciano Pires Teixeira, mandou o intendente retirar da mesma Eschola Normal todo o mobiliário escolar, entregando-o ao Collégio Americano [...] (MADUREIRA, 1929, p.636)

A implantação do colégio

Antes da abertura oficial do colégio, a divulgação da escola já havia se iniciado no A Penna, jornal impresso local, com uma matéria importante sobre o colégio intitulada “PROGRAMA DO INSTITUTO SÃO LUIZ GONZAGA DE CAETITÉ” sobre os objetivos e as diretrizes de funcionamento da escola e de certa forma chamando atenção dos possíveis interessados pela matrícula, bem como para as normas de funcionamento e os investimentos financeiros necessários:

- I. O Instituto São Luiz Gonzaga tem por fim a educação literária, civil e religiosa da mocidade.
 - II. O ensino, que terá uma função sobretudo prática, abrange as matérias do curso preliminar primário e de coisas, e de um curso noturno de línguas.
 - III durará o anno lectivo dez meses, a principiar no mês de Março; seguir-se-ão dois meses de férias, que todos deverão passar fora do Instituto.
- São considerados dias feriados todas as festas nacionais.
Haverá quatro horas diárias de aula – das 9 às 11 da manhã e das 2 às 4 da tarde.
(JORNAL A PENNA, 07/06/ 1912, p. 02).

É interessante observar como eles deixam claros os objetivos a serem alcançados: a formação civil, ao mesmo em tempo que, intelectual e religiosa a ser dada à “mocidade”, assim como o público alvo a ser atingido. A formação educacional a ser oferecida pela escola, deveria seguir os preceitos da Educação Inaciana que visava uma “Educação de excelência” e a formação de líderes.

Para a Companhia, a busca pela excelência se dá num contexto amplo de “excelência humana” determinada pelas circunstâncias de lugares e pessoas, pautada na formação integral do indivíduo dentro da comunidade, sem esquecer a dimensão religiosa que perpassa toda a educação e o diálogo entre a fé e a cultura.

É importante ainda destacar o nível “preliminar” dos ensinamentos a serem ministrados ali e ainda o curso noturno. Percebe-se que o Colégio abre suas portas, inicialmente, sem muitas pretensões

de cursos, esta, poderia ser uma estratégia para que os alunos que começassem seus estudos aí e seguissem para completá-los no Antônio Vieira na cidade de Salvador, ou ainda poderia ser devido às dificuldades de implantação, a necessidade de mais professores ou até mesmo de público alvo para estudos mais avançados.

A matéria do jornal segue com outros diretrizes:

[...] IV. Insubordinação, irreligiosidade e imoralidade são motivos para expulsão. Toda a falta de assistência às aulas e actos escolares deve ser justificada por escripto por pessoa encarregada do alumno.

V. não se admite alumno algum antes dos sete anos de idade.

VI. embora a Direcção não tome a responsabilidade dos actos dos alunos praticados fora desta casa, reserva-se contudo o direito de zelar o seu bom nome.

VII. cada alumno deverá ter nessa cidade, na falta dos pais, pessoa a qual se responsabilize por tudo, e a quem se possa recorrer. [...] (JORNAL A PENNA, 07/06/1912, p. 02).

Essa parte da matéria traz as diretrizes de cunho normativo acerca da presença e permanência dos alunos da escola, assim como, deixa exposto um certo “código de posturas” toleráveis ou não dentro da instituição assim como fora dela apesar de este não ser de responsabilidade dos padres.

O texto do jornal segue falando de outro aspecto interessante devido ao fato de a instituição ser particular e com regime de externato e internato para meninos:

[...] VII. A contribuição mensal que deverá ser paga toda adiantadamente, embora algum alumno se retire antes do fim de uma prestação, será de 5\$000 réis para os externos e de 45\$000 réis para os internos devendo estes além disso entregar, só na ocasião da entrada, 10\$000 réis de matrícula e o 20\$000 réis da jóia a qual lhes dá direito de uso do leito, lavatório e talher enquanto estiverem no Instituto. O custeio do curso de línguas dependerá de contracto especial.

N. B. a) Poderá fazer-se um abatimento de 25% no caso de se acharem internados aqui dois irmão e de 50% quando forem mais.

b) na pensão anual não fica comprehendida a despesa dos livros, artigos de escritório, concertos e lavagem de roupas, pharmácia e médico. [...] (JORNAL A PENNA, 07/06/1912, p. 02).

Estes eram os valores praticados pelo Instituto para os alunos internos e externos. Essa informação foi reforçada por Madureira (1929) que, além de falar sobre os valores da anuidade, acrescenta ainda a existência de muitos alunos que estudavam no Instituto gratuitamente e dos descontos dados às famílias que tinham mais de um aluno.

A partir de listas de compra de venda das fazendas locais no ano de 1912, existentes no Arquivo Público de Caetité, foi possível constatar que o valor de 45\$000 reis, cobrados pela anuidade dos internos, era mais ou menos o valor de uma vaca de médio porte na região. Isso nos leva a crer que o valor estabelecido pela escola não era tão alto para o padrão das famílias de classe média e alta da região. Madureira (1929, p. 636) diz até que as “pensões do Instituto São Luiz eram excessivamente módicas”, sem contar os abatimentos nos valores quando se tinham irmãos e os alunos que estudavam gratuitamente na escola, isso, certamente ampliava o acesso de mais alunos à instrução.

Essa era a forma que o colégio tinha de manter-se funcionando dentro dos padrões estabelecidos e mesmo praticando valores relativamente baixos, ainda excluía da escola os meninos cujas famílias não tivesse as condições de arcar com a despesa total, pois além dos valores descritos acima, que correspondiam ao pagamento da matrícula e mensalidades ainda acrescentava-se às despesas dos internos o enxoval individual:

[...] IX. O enxoval dos internos compõe-se dos seguintes objetos:

4 lençóis; 2 cobertas; 1 cobertor de lã; 4 fronhas; 6 camisas de cor; 2 camisas de dormir ou chambres; 4 ceroulas; 6 pares de meias; 6 lençóis brancos; 6 lençóis de cor; 3 toalhas de rosto; 2 toalhas de banho; 2 guardanapos; 3 uniformes para casa; 2 fatos de passeio: um branco e outro de casemira; 1 par de botinas de couro para sair; 2 pares de calçado para casa; 1 saco para a roupa servida

N. B. a) a roupa de cada aluno deve ser marcada com o número previamente designado.

b) os objetos de limpeza que cada um deve possuir: escova, pente, tesoura, sabão e espelho, podem para maior comodidade, ser fornecidos pelo Instituto, com autorização dos pais ou de seu representantes.

c) o Instituto não se responsabiliza pelo pagamento ou fiscalização de qualquer objeto confiado a pessoas estranhas, ou que não tenham sido entregues ao thesourero. [...] (JORNAL A PENNA, 07/06/ 1912, p. 02).

O enxoval fala muito sobre como era a rotina e organização da escola para internos bem como sobre os cuidados a serem tomados com os objetos pessoais dos meninos e ao finalizar a matéria, fica claro, a possibilidade de os alunos iniciados no Luiz Gonzaga seguirem para o Antônio Vieira em Salvador:

[...] X. os alunos, que obtiveram diplomas de aprovação neste Instituto, poderão mediante a apresentação do mesmo, transitar para a classe imediatamente superior em qualquer curso do Collegio Antônio Vieira, com sede na Bahia. [...] (JORNAL A PENNA, 07/06/ 1912, p. 02).

Depois de feita uma mobilização em torno da abertura e das diretrizes de funcionamento, o colégio para meninos São Luiz Gonzaga começa a funcionar em 16 de julho de 1912 com cinco padres – professores mais o diretor da casa o Pe. João Ilhão, quatro irmãos coadjutores, que auxiliam os padres nas atividades pedagógicas e na casa e dezoito alunos (internos e externos) entre os quais estavam os filhos do próprio Coronel Deocleciano (Mário e Anísio Teixeira). Ainda segundo Madureira (1929), pelas suas limitações, as matérias de ensino se resumiam a três cursos de instrução primária e aos três primeiros anos do curso Gynasial. Com o decorrer do tempo os padres foram organizando a escola, as condições de estadia e acomodações foram melhoradas e a quantidade de alunos foi crescendo.

Do cotidiano da escola aos métodos utilizados

O número de alunos aumentou consideravelmente entre 1912 e 1920 e isso permitiu aos jesuítas dispor de maior qualidade em relação aos trabalhos escolares, à estrutura física e ao seu próprio sustento.

A primeira casa que os padres arrendaram tinha sido a escola normal. Mais tarde os Jesuítas compraram a casa, mais cinco prédios em volta, assim para melhorar as acomodações presentes como para alargar o local das construções futuras, se se viesse a fazer. Essa extensão territorial e predial deu lugar a que os jesuítas passassem a morar no que foi chamado pelos matutos o *Vaticano de Caeteté*. (FOULQUIER, 1940, p. 65)

Com o passar dos anos, as instalações foram ampliadas com a junção de casas vizinhas devido ao crescimento no número de alunos, principalmente internos. O Jornal A PENNA, não deixa este fato passar despercebido:

Instituto S. Luiz

Essa casa de Instrução fundada aqui pelos Revmos. Padres Jesuítas, tem entrado em uma fase de franca prosperidade. Já não basta o antigo Edifício da Escola Normal para acomodar os alunos internos e, em razão d'isso, o Revmo Padre superior João Ilhão está edificando um vasto alpendre ao edifício. (JORNAL APENNA 29/08/1913. p. 06)

Na documentação não foi localizada nenhuma planta baixa do prédio inicial e nem dos anexados construídos posteriormente ou informações mais precisas sobre o prédio escolar durante a década de 1910, entretanto, como se sabe que no mesmo local funcionou a Escola Normal antes e depois do Instituto, algumas foram levantadas.

A fotografia a seguir, apesar de ser da década de 1930, quando o prédio era ocupado pela segunda Escola Normal, corresponde ao Instituto São Luiz, sendo que possivelmente, no pavilhão da esquerda chamado “Goes Calmon” funcionam salas de aula o da direita “Ruy Barbosa” o salão de estudos e festividades escolares, contando ainda com belos jardins entre esses pavilhões. A frente do prédio ficava para a Praça da Feira (atual Praça Rodrigues Lima) e os fundos para o Jardim Ruy Barbosa (atual Praça Coronel Cazuzinha).

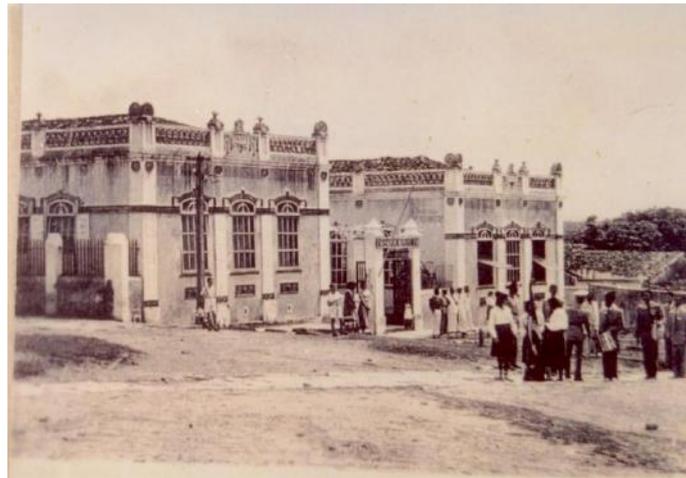


Figura 1: Escola Normal de Caetité – Década de 1930

Disponível em: <http://anisioparacaetite.wikispaces.com/Escola+Normal>, acesso em 09/01/2015

Pelos relatos do Padre Francisco nesta carta datada de quatro de junho de 1919, o colégio teria sido ampliado inclusive tomando parte de uma praça cedida pelo poder público para o colégio.

[...] já no meu tempo se aumentou o Collegio com um novo dormitório, capaz de umas 50 camas, nova sala de estudos (o maior salão de Caetité até agora, e que só era excedido pelo do novo teatro da cidade, que andam a construir), e novo refeitório dos alunos. Aos poucos foram-se comprando novas casas, conseguiu-se lhes parte d’uma praça pública que o município cedeu em troca d’outros terrenos, e temos hoje um quadrado inteiro só com exceção d’almas casas pequenas d’uma das fazes, que se não tem comprado pro que os donos querem especular com o Collegio: não fazem, porém, falta só seria conveniência obte-las. [...] (PADRE FRANCISCO DOS SANTOS, Caetité, 04/06/1919 – CARTAS EDIFICANTES, Vol 6, p. 88)

Atualmente, o pavilhão esquerdo (Góes Calmon) não existem mais, no lugar, existe um jardim e a Escola Senador Ovídio Teixeira respectivamente, quintal da escola é possível encontrar vestígios materiais da construção que havia ali antes.

Do interior da escola foi encontrada apenas uma fotografia que corresponde à capela, lugar de muita importância para os padres e para os alunos, principalmente os internos que eram estimulados o tempo todo às práticas religiosas:

[...] A pequena capela do Instituto tinha portas para a rua, mas não era lugar (sic) tão propício quanto a matriz, pouco distante da nossa casa, onde por vontade e licença do Vigário, os nossos padres exercitavam os ministérios. Com semelhantes disposições só podia ser beneficiada a sua educação e formação religiosa, dada a docilidade com que aceitavam os ensinamentos dos padres [...] (FOULQUIER, 1940, p. 66)



Figura 2: Capela do Instituto São Luiz. FOULQUIER, 1940, p. 66

Ela era simples, mas aparentemente, bem cuidada, possuía um altar de madeira onde ficava o sacrário, com as hóstias consagradas, e a imagem do padroeiro do colégio, São Luiz de Gonzaga. O Pe. Antônio Gonçalves, descreve uma boa vontade dos alunos em relação à prática religiosa, o que foi continuamente construído a partir da característica mais marcante da Companhia de Jesus – a ação missionária.

Além das atividades religiosas desenvolvidas no São Luiz, outras eram realizadas por toda a região. Enquanto alguns padres e irmãos ficavam no colégio responsabilizando-se pela instrução dos alunos, os outros saíam em missão pelo sertão com intuito de fazer-se expandir a fé católica e tornar o Instituto São Luiz Gonzaga mais conhecido entre os sertanejos.

Em relação à formação educacional oferecida pela escola, é sabido que ela seguia os preceitos e os objetivos da Educação Inaciana que visava uma “Educação de excelência” e a formação de líderes.

Para a Companhia, a busca pela excelência se dá num contexto amplo de “excelência humana” determinada pelas circunstâncias de lugares e pessoas, pautada na formação integral do indivíduo dentro da comunidade humana, sem esquecer a dimensão religiosa que perpassa toda a educação e o diálogo entre a fé e a cultura, além disso:

“os centros educativos da Companhia ajudam seus estudantes a desenvolver suas qualidades mentais e efetivas que os capacitem – em qualquer situação que venha a ter na vida – para trabalhar com os outros para o bem de todos no serviço do Reino de Deus” (COLEÇÃO EDUCAÇÃO S. J. 1987, p. 38).

O Jornal A PENNA, traz também algumas informações sobre o cotidiano da escola como a abertura e encerramento das aulas, premiações, resultados finais, como também sobre o currículo do Instituto, discriminando, por exemplo, os componentes que eram trabalhados, suas respectivas cargas horárias, nos dando uma ideia do funcionamento dos cursos oferecidos e suas prioridades pedagógicas:

Collegio S. Luiz

De posse de informações de fonte certa, pois foram-nos fornecidas pelo Ver. Padre Mestre Vlelltentent, podemos informar ao leitor qual o horário d’este Instituto. É o seguinte durante cada semana:

1º ano	Curso gynasial	Curso complementar
Francez	4 horas	4 horas
Portuguez	4 horas	4 horas
Arithimética	4 horas	4 horas
Geographia	3 horas	2 horas
Calligraphia	1 hora	2 horas
Lições de Cousas	1 hora	1 hora
Religião	1 hora	1 hora
Inglez	2 horas	História - 2 horas

Figura 3: Jornal A PENNA, 28/02/ 1913. p. 01

Segundo esta disposição e distribuição de carga horária, há nessa instituição uma atenção grande voltada à área das Ciências Humanas e das Linguagens. Os alunos estudavam duas línguas estrangeiras

a partir do 1º ano ginásial, e apesar de não se fazerem ausentes, as ciências exatas tinham carga horária bem menor.

Quanto aos métodos de ensino, tinham características do Ensino Intuitivo e da Rátio Studiorum³. É bem provável que, pelas particularidades do Colégio de Caetité, muitos métodos de ensino tenham sido adaptados à realidade local. Entre as práticas tradicionais da Rátio Studiorum, está a premiação e o estímulo aos melhores alunos ao fim de cada período letivo; este era sem dúvidas momento de solenidade para os alunos, suas famílias, para os padres e para a comunidade, dado a sua importância, sempre ficava registrado no jornal A PENNA.

Às duas horas da tarde de ontem, adentramos o largo portão do Colégio dos Jesuítas. Chegaram ali distintas famílias e cavalheiros da fina flor caietetéense, todo gentilmente convidados para assistirem a solene premiação anual dos alunos do Instituto S. Luiz Gonzaga [...] o salão estava ornado a capricho com palmas, flores, bandeiras, quadros e vasos de plantas. Ao fundo ostentava um pátio muito disposto, sobranceiro ao salão fartamente mobiliado. [...] Depois das 3 horas chegou S. Excia o Sr. D. Manoel Raymundo de Mello Bispo diocesano, o REVMO. Sr. Conego Luiz Bastos e outros padres [...] S. Excia. começou a solenidade pelo discurso Duas palavras, sendo em seguida distribuídos os prêmios de comportamento e religião [...]. Seguiu-se a distribuição dos prêmios de letras [...] ciências [...] foram por fim distribuídos os prêmios de Bellas Artes [...]. O Padre Vllelledent informou aos assistentes dos bons resultados colhidos e o progresso do Instituto, assim como da criação de mais aulas no futuro anno e do tempo e condições em que seriam reabertos os cursos [...] os prêmios e as belas medalhas, assim como os diplomas de accessit eram entregues por S. Excia. Rvmo. o Sr. Bispo aos alunno. (JORNAL APENNA. 29/11/1917, p. 03.)

Pela matéria do jornal, é possível fazer algumas observações: inicialmente, é confirmada a classe social dos alunos que ali estudavam já que estavam presentes “famílias e cavalheiros da fina flor caietetéense”; assim como o progresso alcançado pela escola no ano, contando com mais de oitenta alunos, com uma estrutura física e mobiliário de requinte, bem diferente das condições da chegada em 1912, com muito prestígio por parte da sociedade local, o que dava à escola tranquilidade para fazer planos. O bispo, que tinha sob sua responsabilidade uma diocese com dimensões territoriais muito extensas, incluía em sua programação a participação dessa atividade dando a ela mais ainda o caráter de

³ Plano de Ensino dos colégios jesuítas, é um manual para ajudar os professores e administradores na marcha diária do colégio. Contém uma série de “regras” ou diretrizes práticas que tratam de assuntos como a direção geral do colégio, a formação e a distribuição dos professores, os programas ou os métodos de ensino. (EDUCAÇÃO S. J. 1987 p. 64)

solenidade. Este era o momento especial para os alunos, pois seriam “recompensados” pela sua dedicação aos estudos recebendo prêmios por se destacarem em áreas diversas do conhecimento e também em religião. Enfim, era de fato um momento importante.

Quanto ao método Indutivo também praticado pela escola, tem sua origem em Rosseau, seu entendimento e aplicação foi teorizado no século XIX por Pestalozzi, e sistematizado por Comenius. No Brasil,

[...] a introdução do método intuitivo ocorreu inicialmente por algumas escolas particulares, sendo apresentado como inovador. O discurso político e educacional produzido nessa época estabeleceu relação com as propostas de inovação metodológica e a difusão do ideário liberal republicano, destacando-se a utilização das “lições de coisas” ou método intuitivo como estratégia de intervenção na sala de aula, o locus específico da instrução e da mudança das práticas pedagógicas, adequado à escola e ao projeto político modernizador. (REMER, STENTZLER, 2009, p. 6335)

No Brasil este método teve um defensor comprometido, Ruy Barbosa, que defendia a modernização da educação no país e para isso considerava necessário novos padrões intelectuais com sua origem em novas concepções de conhecimento. Além disso:

Nos seus Pareceres as “Lições de Coisas” foram ressaltadas como elemento primordial para a renovação da escola primária, como o único método capaz de triunfar sobre os métodos verbalistas e a rotina pedagógica predominante nas escolas de seu tempo. (REMER, STENTZLER, 2009, p. 6337)

É interessante observar que, mesmo seguindo os ideais inacianos, o Instituto, também, como é próprio dos jesuítas, apresenta algumas características das tendências modernas da educação trazendo no currículo, um componente denominado “Lição das Cousas” que como o próprio nome já diz, partia do cotidiano, do concreto, do real, enfim, das coisas para se chegar ao conhecimento intelectual e abstrato. Neste sentido algumas aulas práticas eram comuns no Instituto; entre elas, uma ficou registrada no Jornal A Penna publicado no dia 01 de março de 1917, p. 04. Trata-se de uma visita que os alunos internos da escola fizeram à tipografia do jornal, nesta matéria o jornalista, além de falar sobre a visita, ainda fez questão de registrar o nome de todos os alunos presentes, o que nos serve como um documento importante na falta dos diários da escola com o nome dos alunos.

Mediante práticas como esta, a escola foi ganhando e ocupando lugar de destaque na educação local na primeira década de funcionamento. O aumento no número de alunos entre 1915 e 1920 foi bastante considerável e quando terminavam seus estudos ali seguiram para Salvador, onde continuavam

estudando em colégios católicos como o Colégio Antônio Vieira e o dos Irmãos Maristas, e em outros estados como Minas Gerais (Belo Horizonte) e Pernambuco (Recife).

O Padre Justino, professor do Instituto São Luiz neste período, numa de suas cartas aos superiores da Missão na Bahia, também apresenta satisfação com os resultados apresentados pela escola:

“o número de alunos pôde parecer pequeno em comparação com os outros collegios. Porém, não devemos perder de vista que o Instituto São Luiz Gonzaga ocupa relativamente pouco pessoal, que o sertão da Bahia é pouco povoado e que este número representa o que há de melhor e de mais influente no sertão da Bahia, incluindo parte do Estado de Minas que envia bastantes alunos” (PADRE JUSTINO, Caetité, 05/05/ 1917. Vol.05)

Anos finais de funcionamento da escola

Apesar do grande prestígio com que o Instituto adentra a década de 1920, ele não teria mais tantos anos de vida, “as dificuldades em mantê-lo, bem como as inúmeras e novas demandas para o pequeno contingente de jesuítas inviabilizaram a continuidade da obra, além de outros detalhes”. (SOUSA, 2013, p.08)

Ao observar a evolução das matrículas, pode-se constatar uma diminuição dos números a partir de 1920. Os jesuítas não fizeram referência a este fato como sendo o motivo pela decisão de encerrar as atividades do Instituto alguns anos mais tarde, entretanto, ele pode ter influenciado.

Em relação ao andamento da escola, foram encontrados alguns dados nos catálogos da Ordem Jesuíta que falam sobre a presença dos padres de cada casa e suas atividades. Enquanto no ano de 1915, a casa contava com dezoito padres, depois do início da década de 1920 esse número foi caindo para quinze, doze, nove e chega ao ano de 1926 com apenas três padres em Caetité.

De acordo Madureira (1929), foi neste ano que a Ordem resolveu desativar o Instituto pelas mesmas razões que, durante anos, embaraçaram seu funcionamento: grande dificuldade de comunicação com a casa de Salvador, a dificuldade de conseguir bancas examinadoras - o que levava deficiência ao curso ginásial - e a maior necessidade apresentada por outros lugares da Região Nordeste. A isso, o Jornal A PENNA, de 29 de abril de 1926, acrescenta as exigências do novo regulamento de ensino determinado pelo governo da Bahia

Mesmo com a data oficial de fechamento da escola em 1926, a escola só teria funcionado regularmente até o ano de 1925 e no último ano da presença jesuíta em Caetité se dedicaram às atividades religiosas, na capela de São Benedito, e às missionárias, nas outras cidades da diocese.

No título da página do catálogo do ano de 1926 nem se fala mais sobre Instituto São Luiz Gonzaga, como em anos anteriores, mas sim da “CAITETESIS RESIDENTIA – EGREJA DE S. BENEDICTO – CAETETÉ”, ou seja da Residência Caetiteense - Igreja de São Benedito e no que se refere aos padres, realizavam apenas atividades relacionadas ao serviço pastoral e ministerial como a catequese e o exame de possíveis candidatos à carreira vocacional na Companhia de Jesus.

Não foram encontrados relatos sobre a despedida nem sobre a saída oficial dos jesuítas de Caetité, entretanto o Jornal A PENNA de 11 de março de 1926, relata a entrega do prédio onde funcionava a escola e a edição de 01 de abril, traz uma pequena nota informando sobre a desapropriação do prédio pelo governo:

Edifício da Eschola Normal

Bahia 09 – Mons. Bastos – Rogo recebeis dos Padres Jesuítas o prédio onde vae funcionar a Eschola Normal determinando com o Delegado Regional as medidas necessárias à próxima instalação dos cursos. Cordeais saudações. Anísio Teixeira. Director da instrução. (A PENNA, 11/03/1926. p. 02)

O ex- collegio dos Jesuítas

Bahia, 29 – A Penna – O governo declarou de utilidade pública, allem de ser desapropriado, o edificio do ex-collegio dos jesuítas nessa cidade. (A PENNA, 01/04/1926. p. 03)

Assim, supõe-se que depois de ter entregue o prédio ao Estado, os jesuítas ainda tenham permanecido em Caetité por mais alguns meses apenas, pois, no catálogo do ano seguinte – 1927, não aparece mais nenhuma informação sobre a Residência de Caetité dando a entender que ela já havia sido desativada.

Ao que parece, a decisão pelo fechamento da escola, partiu dos superiores da ordem tendo em vista as dificuldades apresentadas acima, descartando a ideia de possíveis desavenças locais que os fizessem sair do território.

Os padres que trabalharam em Caetité provavelmente foram enviados a outros colégios maiores como o Antônio Vieira de Salvador e Manoel da Nobrega no Recife e, onde, mais tarde seria criada uma faculdade, antecessora da Universidade Católica de Pernambuco.

Além dos motivos expostos acerca do fechamento do São Luiz, não se pode deixar de levar em consideração o novo cenário político e educacional no estado da Bahia.

A conjuntura política da Bahia a partir da década de 1910 passa a sofrer os efeitos da presença de Joaquim José Seabra no governo do Estado. Ex ministro do Interior na República, opositor de Rui Barbosa, ele assume o governo da Bahia numa eleição muito conturbada pelo embate entre os seabristas e os partidários de Rui Barbosa que resultou num bombardeio à cidade de Salvador. Mesmo nessas circunstâncias o governador Seabra ficou no cargo por dois mandatos. Neste contexto o grupo político de Deocleciano Teixeira, desempenha papel fundamental na eleição do sucessor - Goes Calmon em 1925, em vista deste apoio, um grupo de jovens políticos oriundos de Caetité, formados em escolas jesuítas, vão fazer parte do seu governo.

Entre eles, está o jovem bacharel em Direito Anísio Teixeira, ex-aluno do São Luiz e do Antônio Vieira, que, a convite do governador, assume o cargo de Inspetor Geral de Ensino — cargo equivalente hoje ao de Secretário da Educação.

Anísio Teixeira tem outra visão de educação e de escola, que, para ele devia ser pública, gratuita, laica e de qualidade. Neste cargo, ele faz diversas reformas no Ensino Público e no âmbito de suas ações, recria as Escolas Normais repondo a de Caetité, fechada em 1903 pelos opositores políticos de sua família

Apesar de ter tido uma vida relativamente curta, o Instituto São Luiz Gonzaga, deixou em Caetité muitas sementes que germinaram cresceram e deram frutos. Entre os alunos que passaram por essa escola saíram muitos intelectuais, professores, lideranças políticas e profissionais liberais, dentre estes não podemos deixar de falar do já citado Anísio Teixeira, que por muito pouco não segue a vida religiosa na própria Companhia de Jesus, mas deu para a Bahia e ao Brasil boas ideias e iniciativas no que diz respeito a uma educação de qualidade, laica, gratuita e para todos.

Ainda cabe ressaltar que aqui foi exposto um breve relato sobre o Instituto que por sua vez faz o tema de pesquisa maior e que ela foi também o ponto de partida para uma outra investigação mais

aprofundada sobre as relações entre a educação, a política e a religião em Caetité durante a Primeira República que ainda está em andamento.

Referências

AZEVEDO, Ferdinand. **A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste (1911 – 1936)**. Recife, Fundação Antonio dos Santos Abranches–FASA, 1986.

_____ A transmissão da cultura: parte 3. São Paulo: Melhoramentos/INL, 1976.

Cartas Edificantes da Província de Portugal. Vol.04 a 08:

Carta do Padre Francisco dos Santos ao P. Le Thiec, Caetité, 04 de junho de 1919. Vol.06

Carta do Padre Justino ao R. P. Superior do Col. de Caetité, 05 de maio de 1917. Vol.05

Carta do Padre Sallustio ao P. Antunes, Caetité, 03 de maio de 1912. Vol.04

CATALOGUS: Missionis Brasiliae Septentrionalis: Provinciae Lusitanae dispersae. Societatis Jesu. Bahia, 1912, 1916, 1920, 1924, 1926

EDUCAÇÃO S. J. Subsídios. **Características da Educação da Companhia de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1987

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros**. São Paulo: Fapesb, 2003.

FOULQUIER, Joseph H. S. J. Jesuítas no Norte. **Segunda entrada da Companhia de Jesus 1911 – 1940**. Baía: 1940.

Jornal A PENNA. Disponível à pesquisa no Arquivo Público Municipal de Caetité:

Jornal A PENNA, Caetité, 07/06/1912.

Jornal A PENNA, Caetité, 28/02/1913.

Jornal A PENNA, Caetité, 09/08/1913.

Jornal A PENNA, Caetité, 29/11/1917.

Jornal A PENNA, Caetité, 11/03/1926.

Jornal A PENNA, Caetité, 01/04/1926.

Jornal A PENNA, Caetité, 29/04/1926.

Jornal A PENNA, Caetité, 04/06/1926.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de e SANTANA, Elizabete Conceição – O retorno dos Jesuítas ao Brasil: a República e a Educação na Bahia. in CAVALCANTE, Maria Juraci, HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho (orgs). **História da Educação: República, Escola e Religião**. Ed. UFC, Fortaleza, 2012. p. 245 a 292.

MADUREIRA, I. M. de, S. J. **A liberdade dos índios. A Companhia de Jesus. Sua pedagogia e seus resultados.** Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1929.

REMER, Maísa Milènne Zarur - STENTZLER, Márcia Marlene. Método Intuitivo: Rui Barbosa e a preparação para a vida completa por meio da educação integral. **IX Congresso Nacional de Educação.** Outubro – 2009. PUCPR, Paraná. Disponível em:
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2908_1161.pdf. Acesso em 15/01/2015.

SOUSA. Carlos Ângelo de Meneses. Cartas e Educação Jesuíticas: Memórias da Segunda Vinda dos Jesuítas Portugueses ao Nordeste do Brasil. In: Anais do VII. Congresso Brasileiro de História da Educação. UFMT, Cuiabá, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03> Acesso em 10 set. 2014.